



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELE

A
Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra
COIMBRA

COM JESUS RESSUSCITADO

Domingo de Páscoa. Ontem, era um túmulo ocupado pelo sagrado corpo do Salvador. Hoje, é o túmulo vazio.

Em vez de homens a guardá-lo, temos anjos a informar que de facto não está ali Jesus. As mulheres não encontram o cadáver para o qual tinham comprado perfumes, porque está entre os vivos Aquele que elas buscam no sepulcro. Está entre os vivos por amor delas, dos outros, de mim ...

*

Dois discípulos abandonaram o Cenáculo e tomaram o caminho que leva a Emaús. São duas almas em que a desilusão transborda e em que a esperança ainda não morreu de todo. Basta que a graça se aproxime, se faça companheira de viagem, e a fracção do pão operará o milagre. Também comigo é assim. No meio das minhas noites, Deus fará do meu resto de esperança o ponto de partida para revelações sempre mais íntimas da sua pessoa.

*

«Sou eu, não tenhais medo!» Era o Senhor ressuscitado, de pé no meio dos apóstolos, a exercer o seu ofício de consolador e a dizer-lhes com insistência que viera trazer-lhes a paz. Junto de almas despedaçadas pela dor e pelo luto da noite, só a voz de Alguém que se apresenta de pé e com a palavra Paz, dita e redita, prepara o regresso da luz e da alegria! Basta que a alma aceite ouvir aquela Palavra.

*

Apareceu outra vez o Senhor ressuscitado na praia do mar de Tiberíades. Os seus tinham ido pescar; era o regresso à instabilidade da faina levada a cabo sobre as águas; era o regresso à incerteza de sucesso própria do trabalho das redes. De pé, no meio da praia, a figura do Salvador fala de estabilidade e de certeza. Pode o teu barco baloiçar, pode o teu trabalho resultar em fracasso... Volta o rosto e busca na praia para onde te diriges a figura do Mestre!

*

Maria Madalena, toda envolvida em lágrimas, mantinha-se de pé, apoiada à pedra do sepulcro onde o seu Senhor tinha sido colocado. Uma e outra vez se inclinou ou o seu olhar penetrou no vazio daquele túmulo, e não foi à força de não ver ninguém que ele se cansou de procurar. Procurou... e encontrou. É sempre assim. Por mais sombria que a vida pareça, nunca terás direito de desconfiar do Senhor. Ele aparecerá, talvez disfarçado em jardineiro, a semear na tua alma a flor da alegria.

*

O Senhor avisou os onze de que deveriam esperá-lo no alto do monte da Galileia. Ali revelaria mais uma vez o poder que o

(Continua na página 4)

PROMESSAS

Para a Senhora das Preces recebeu-se 100\$00 (em sêlos) do Sr. Lúcio Jorge, Padrão; 20\$00 de Olga Luiza Dinis, Lisboa, 50\$00 de uma devota por intermédio do Sr. Prior

do Piódão; 50\$00 para a Senhora das Necessidades, de uma pessoa do Sobral Magro e 20\$00 da Sr.ª Beatriz Castanheira também para a Senhora das Necessidades e 100\$00 para a Senhora das Preces, de D. Maria da Ascensão, Angola.

Atenção ao Chiadinho

Os nossos prezados assinantes de Coimbra, e os vizinhos de Coimbra e os que passem por Coimbra, podem deixar as suas importâncias para a *Voz do Santuário*, no CHIADINHO, que fica à entrada da Rua Visconde da Luz.

No CHIADINHO serão recebidos com carinho e ali podem entregar o *dinheirinho*.

ROMARIA

da Senhora da Saúde NO PADRÃO

Nesta pequena povoação do concelho de Castelo Branco, realiza-se no próximo dia *dois de Maio* a grande romaria de Nossa Senhora da Saúde e Nossa Senhora dos Aflitos, a maior romaria da região e uma das mais características da Beira Baixa. Como de costume será anunciada a festa com salvas de foguetes; ao meio dia haverá missa campal, sermão, seguindo-se uma deslumbrante procissão. Todas as cerimónias serão transmitidas por uma aparelhagem sonora.

Presidirá o nosso digníssimo Pároco de Alameda auxiliado por mais dois oradores.

De tarde haverá leilão de fogaças e concerto por uma afamada música da região.

*Nossa Senhora da Saúde
Vossa terra é Padrão
Onde vai gente de longe
rezar-vos com devoção.*

LÚCIO JORGE

Precisamos de mais ASSINANTES

As despesas da *Voz do Santuário* são cada vez maiores, devido à subida do papel e dos encargos tipográficos.

Precisamos pois de mais assinantes (mas dos que paguem).

Se cada assinante arranjassem um novo assinante, estaria o problema resolvido.

Faça esse jeito, para maior glória de Nossa Senhora.

A ESTAÇÃO DOS CORREIOS de Aldeia das Dez não interessa ao Desenvolvimento Nacional!!!...

Com data do 1.º de Abril corrente, recebemos da Repartição dos Serviços de Edifícios e Mobiliário dos C.T.T., o seguinte ofício:

Estação dos C.T.T. de Aldeia das Dez — Edifício a construir por particular.

Em resposta à carta de V. Ex.ª de 12-5-64, tenho a honra de informar que a construção deste edifício não se nos afigura que possa ser levada a efeito nos tempos mais próximos, em virtude de não interessar ao Plano de Desenvolvimento da Rede Telefónica Nacional.

No entanto, o assunto será oportunamente submetido à consideração superior e do que for resolvido informaremos V. Ex.ª, como aliás estamos fazendo em todos os casos similares.

Apresento a V. Ex.ª os meus melhores cumprimentos.

A Bem da Nação

Pobre Aldeia das Dez! eu julgava que era das dez maravilhas e é das dez infelicidades.

Não estamos nos mapas; ninguém descobre o nome de Aldeia nas placas das estradas; ninguém se importa com a estrada, daqui a mais, intransitável; ninguém se interessa com o seu progresso e agora a Administração Geral dos C.T.T. vem-nos dizer que o edifício dos correios não interessa ao desenvolvimento nacional. E nós a julgar que sim, porque além de todos os motivos, é terra de Portugal que tem direito aos mesmos benefícios e melhoramentos que outras freguesias já possuem.

Mas mesmo que a casa dos correios não interesse ao desenvolvimento nacional (!!!) nem interesse à Administração Geral dos C.T.T. interessa ao desenvolvimento da freguesia.

Aldeia das Dez, é uma freguesia populosa (perto de 500 fogos) e dispersa e com bastante movimento comercial e industrial.

Não compreendemos qual seja o interesse dos C.T.T. em se desinteressar dum melhoramento que tanto interessa a toda a freguesia.

Aldeia das Dez não tem casa dos correios, não tem telefone público, não tem pagamentos de vales, não tem registo e levantamento de encomendas, etc., até o serviço de venda de sêlos e de expediente de correspondência é feito por favor...

Será isto que interessa aos C.T.T.? Dizer que «a construção deste edifício não se nos afigura que possa ser levada a efeito nos tempos mais próximos» é uma maneira delicada de dizer que nunca é construída.

E continuará Aldeia das Dez a não ter *casa dos correios* apesar de haver quem se prontifique a construí-la; continuará a não ter telefone público, apesar de haver quem o pediu; continuaremos a ter de ir ou mandar a Avô ou Oliveira do Hospital, a registar vales ou recebe-los, a mandar portadores para levantar encomendas à cobrança e mesmo outras, a mandar a Avô o jornal, visto que em

(Continua na página 4)

Boas Festas

A todos os nossos prezados assinantes e leitores e suas famílias, desejamos uma Páscoa Feliz nas alegrias da Ressurreição do Senhor.

Assinaturas pagas da VOZ DO SANTUÁRIO durante o mês de Março

Com 10\$00 pagaram os senhores:

Adelino Augusto da Silva, Quinta da Madalena.

António da Costa e Silva, Barrôja.

José Mendes Dias, Chão Sobral.

Emídio de Lemos, Parente, Ernesto Lourenço Fernandes, Goulinho

Manuel Adrião, Torno-Piódão. D. Maria Moreira dos Santos, Gramaça.

Manuel Lourenço Fernandes Martins, Goulinho.

Maria Alzira Correia, Vale de Maceira.

José Campos de Oliveira, Esculca-Côja.

Augusto Moreira Cristóvão, Aldeia das Dez.

António Francisco Marques, Oliveira do Hospital.

Joaquim Ribeiro, Pomares. D. Maria da Piedade Castanheira, Foz da Moura.

Armando Mendes Correia, Vale de Maceira.

José Teixeira Pereira, Lisboa. Adelino Marques da Fonseca, Alvoco de Várzeas.

Com 12\$00 pagou D. Maria da Conceição Paiva, Barril.

Com 12\$50 pagou António Luiz Dias, Vale de Maceira.

Com 20\$00 pagaram os senhores:

Victor Fernandes da Costa, Casal de Abade.

Arnaldo Pacheco, Piódão.

António de Oliveira Pacheco, Lourenço Marques.

Armando Gonçalves, Chão Sobral.

D. Maria dos Santos Gonçalves, Lisboa.

D. Cesaltina de Jesus Costa, Cacilhas.

Serafim Mendes da Costa, Aldeia das Dez.

António Agostinho, Lisboa. Feliciano Portugal, Oliveira do Hospital.

D. Celeste de Jesus Carvalho, Pomares.

António Castanheira, Pomares. D. Maria da Glória Nogueira, Sargaçosa.

Evaristo Marques dos Santos, Lisboa.

Serafim da Fonseca Morgado, Lisboa.

Prof. Fernando Martins Morais, Porto.

José Bernardo Guilherme, Alvoco de Várzeas.

José Gonçalves Torres, Vila Franca — Minho.

Manuel dos Santos Carvalho Novo, Pontes-Cadima.

António Dinis Fernandes, Aldeia das Dez.

Com 30\$00 pagaram D. Isaura dos Anjos Fernandes, Pomares.

José Augusto Moreira de Matos, Vila Franca-Minho.

Com 40\$00 pagaram António Marques da Costa, Setúbal.

D. Lucinda do Rosário, Tábua.

Com 50\$00 pagou o Sr. Fernando dos Santos Barrêto, Pontes-Cadima.

Com 70\$00 pagou o Sr. Gabriel Pereira Dinis, Aldeia das Dez.

Por intermédio do Sr. José Lourenço, de S. Vicente da Beira, pagaram:

Com 10\$00 Sr. Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

D. Maria Sucena, Borralha-Águeda.

João da Costa Vaz, Óles-Lourical do Campo.

Com 20\$00 Francisco Duarte Leitão-Luanda.

Com 30\$00 Joaquim dos Santos Caetano, S. Vicente da Beira.

Com 40\$00 Manuel da Silva, S. Vicente da Beira.

Com 10\$00 Sr. Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

D. Maria Sucena, Borralha-Águeda.

João da Costa Vaz, Óles-Lourical do Campo.

Com 20\$00 Francisco Duarte Leitão-Luanda.

Com 30\$00 Joaquim dos Santos Caetano, S. Vicente da Beira.

Com 40\$00 Manuel da Silva, S. Vicente da Beira.

Com 10\$00 Sr. Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

D. Maria Sucena, Borralha-Águeda.

João da Costa Vaz, Óles-Lourical do Campo.

Com 20\$00 Francisco Duarte Leitão-Luanda.

Com 30\$00 Joaquim dos Santos Caetano, S. Vicente da Beira.

Com 40\$00 Manuel da Silva, S. Vicente da Beira.

Com 10\$00 Sr. Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

D. Maria Sucena, Borralha-Águeda.

João da Costa Vaz, Óles-Lourical do Campo.

Com 20\$00 Francisco Duarte Leitão-Luanda.

Com 30\$00 Joaquim dos Santos Caetano, S. Vicente da Beira.

Com 40\$00 Manuel da Silva, S. Vicente da Beira.

Com 10\$00 Sr. Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

D. Maria Sucena, Borralha-Águeda.

João da Costa Vaz, Óles-Lourical do Campo.

Com 20\$00 Francisco Duarte Leitão-Luanda.

Com 30\$00 Joaquim dos Santos Caetano, S. Vicente da Beira.

Com 40\$00 Manuel da Silva, S. Vicente da Beira.

Com 10\$00 Sr. Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

D. Maria Sucena, Borralha-Águeda.

João da Costa Vaz, Óles-Lourical do Campo.

Aldeia das Dez

Capela do Avelar — Foi constituída uma comissão para tomar conta da capela de Santo Amaro fazendo parte dela os Senhores: Henrique dos Santos, José da Cruz e Gualter Dias Cruz.

Ao tesoureiro foi entregue o dinheiro da capela que era o seguinte: saldo da festa de Santo Amaro, 700\$80; esmolas 16\$00; esmolas da Senhora de Fátima, 389\$80; saldo da festa da Senhora de Fátima realizada em Setembro e entregue pelo mordomo José Mendes Alves, 2.329\$80.

A capela precisa de ser ampliada, pois é já pequena para a população. É preciso que todos os filhos do Avelar se interessem pelo progresso da sua terra e se unam para que em breve a ampliação da capela possa fazer-se com o auxílio de todos.

DONATIVOS PARA A IGREJA DE ALDEIA DAS DEZ

DO LUGAR DO AVELAR:

José da Cruz, 25\$00.

António Gouveia Dias, 20\$00.

Henrique dos Santos, 20\$00.

José Nunes da Fonseca, 20\$00.

Valentim dos Santos, uma arôba de batatas.

José Moreira, 20\$00.

José Alves, 10\$00.

António Fernandes Moreira, 20\$00.

Mário Marques, 10\$00.

Viúva de José Marques, um cesto de batatas.

Isaura da Glória, 5\$00.

Serafim Moreira, 10\$00.

Ernesto Marques, 10\$00.

Francisco Marques, 25\$00.

Rita de Jesus, meio alqueire de milho.

Rira da Conceição, 10\$00.

António Marques, 20\$00.

José Fernandes da Silva, 15\$00.

Artur Lopes, 10\$00.

Manuel Henriques, 10\$00.

Maria da Conceição, 20\$00.

Cristiana da Silva, 10\$00.

José Moreira Marques, um cesto de batatas.

DE ALDEIA DAS DEZ:

Recebemos mais 5\$00 de António Augusto Pinheiro, das Tapadas; dois litros de feijão de António Guilherme Madeira, Quinta dos Madeiros, e recebemos 50\$00 de uma pessoa que não quer que se publique o nome.

O Sr. José Tavares de Sousa Júnior, do Porto de Mós, tinha entregado 5p\$00 para a igreja, e não apenas 5\$00 como veio publicado por engano.

A todos os nossos agradecimentos.

Incêndio — No dia 27 de Março, ao princípio da noite, declarou-se um violento incêndio na fábrica de serração, no lugar do Goulinho, pertencente ao Sr. António Lourenço Duarte.

Dado o Alarme compareceram muitas pessoas de vários lugares, especialmente de Aldeia e os Bombeiros voluntários de Oliveira do Hospital.

Devido à falta de água e ao facto de o fogo já andar muito adiantado, não foi possível evitar que a fábrica ardesse por completo e que ficassem inutilizadas as máquinas, há poucos meses adquiridas. Os prejuízos sobem a algumas centenas de contos.

Um curioso fenómeno — Uma ovelha pertencente ao Sr. António Fernandes Paulino, do Cimo da Ribeira, teve duas crias, uma perfeitamente normal e outra sem boca e com as orelhas fóra do sítio devido. Como não se podia alimentar, morreu pouco tempo depois.

Consultas no Posto Médico — Como nos anos anteriores, no princípio do mês de Abril entrou em vigor o horário de verão, isto é, as consultas no Posto Médico realizam-se todia os sábados às 8 horas da manhã.

Leia, Assine

«Voz do Santuário»

Notícias de • S. Vicente da Beira

que foi ampliado o horário telefónico, da nossa estação dos correios. Graças ao espírito dos naturais desta Vila, com a valiosa colaboração da Administração Geral dos C.T.T. que sempre pronta a servir bem o público, conseguiu mais um passo em frente nas vias de comunicações telefónicas. Esta Vila ficou a ser servida das 8 da manhã até às 0 horas. Para assim ficarem preenchidas as duas vagas que o serviço exigia, além do chefe da estação Sr. Manuel Remoaldo, foram aqui colocadas duas senhoras D. Maria Clemilde da Luz Ferreira, da Covilhã, e D. Maria Gabriela Brito Marques, do Fundão. Ao Dig.^{mo} Chefe desta estação dos C.T.T. aqui lhe deixamos os nossos sinceros agradecimentos pois que sem os seus valorosos trabalhos e sacrifícios, não conseguiríamos, tão valioso melhoramento!

Bem Haja.

Falecimento — Faleceu no passado dia 14 de Março o nosso

amigo Sr. Francisco Lino, residente no Casal da Fraga, que deixa viúva a Sr.^a D. Joaquina Varanda Lino, pai dos nossos amigos Sr. José Lino, industrial no Fundão, do Sr. Joaquim Martins Lino, motorista, também residente no Fundão e do Sr. Lino Martins, residente em França.

A toda a família enlutada, apresentamos as nossas sentidas condolências.

«O Jornal do Fundão»

— Acerca da reportagem que este paladino fez sobre esta Vila, por várias pessoas tem sido agradecido no seu ilustre Director. S. Vicente da Beira bem merecia ser conhecido nestas coisas, e nós, também reconhecidos, vimos também agradecer penhoradamente ao seu redactor e ao seu Director que tão galhardamente sabe dirigir o seu jornal «O Jornal do Fundão». Bem haja e que não se vá esquecendo desta nobre Vila.

Emigração — Estão a emigrar novamente para a França muitos dos nossos conterrâneos. Que Deus os proteja na labuta da sua vida e que voltem ao seu Torrão Natal com saúde e com as carteiras abarrotadas de dinheiro é o que sinceramente lhes desejamos.

Falando da Emigração lembra-me a nossa assinante Ana Maria Rodrigues Prata Diogo, esposa do Sr. Manuel Diogo, de quem, já há tempos, não sabemos notícias. Diga alguma coisa, pois cá esperamos notícias para publicarmos na *Voz do Santuário* de que tanto é amiga

Baptizado — No passado dia 17, realizou-se na Igreja Matriz desta Vila, o baptizado da menina Conceição Duarte Diogo, filha do Sr. José Duarte, funcionário da C.P. no Fundão e de Maria Patrocínia do Carmo Diogo. Teve como padrinhos, o Sr. António do Carmo Diogo e sua esposa Sr.^a D. Conceição Candeias que há poucos dias partiram para França. À recém-nascida que é neta do Sr. José Diogo e da Sr.^a Maria do Carmo Diogo, desejamos mil venturas, e aos pais e aos avós daqui lhes enviamos os nossos parabéns.

JOÃO MARIA MADEIRA

Dizem velhos manuscritos...

III

O GOULINHO E A SUA CAPELA

Pela depressão de terreno denominada Vale da Rodela que, tendo a sua origem na Lomba da Malhada do Pai, se lança no Vale do Inglês, corre uma linha de água que, próximo da Quinta do Infante, se junta com a que vem das bandas de Chão de Viseu, tomando a partir de aí, a designação de Ribeira de Aldeia.

Ambos esses riachos engrossam consideravelmente no inverno, tendo talhado, há já muito, na rocha, o seu estreito leito que, de soccalco em soccalco, vai conduzindo a corrente das suas águas de forma impetuosas e violentas.

É a um quilómetro do começo daquela depressão e abrigada da nortada que na região sopra rijamente que se situa, a uma altitude entre 650 e 700 metros, o pequeno povoado do Goulinho, da freguesia de Aldeia das Dez da qual dista 3 quilómetros por caminhos vicinais e 4 quilómetros pela estrada Aldeia das Dez-Vale de Maceira que passa na sua orla poente.

Os caminhos vicinais são o pior que pode imaginar-se; esbarrocados pelas águas, eles mais permitem acesso a animais de carga a dorso.

A passagem a pé nos riachos de Vale do Inglês e do Vale da Rodela, distantes, junta a sua confluência, de 80/90 metros, faz-se no verão caminhando sobre pequenas pedras roliças postas ad hoc e servindo de alpondras.

Mas o que no verão é fácil, no inverno torna-se difícil e, por vezes, mesmo impossível, porque o volume de água é tal que as cobre completamente. E na época que vamos viver não havia o recurso da estrada, pela qual em cinco minutos podemos, hoje, fazer-nos transportar comodamente da serra ao povoado.

E, porque a vinda a Aldeia era difícil no inverno, havia que aproveitar todas as oportunidades em que era forçoso vir.

Assim, era aos domingos em que existia a obrigação de assistência à Missa que se tratava de negócios e se faziam compras nas «lojas»; é que, nessa época não havia ainda o descanso dominical e era principalmente ao domingo que o pequeno comércio de Aldeia das Dez animava um pouco.

Era o ferreiro que entregava a encomenda feita de uma enchada ou de um alvião, o mercador que vendia arroz aos arrateis e meios arrateis, o azeite aos quartilhos e o sal aos celamins para temperar as batatas, os feijões e as couves que constituíam a base da alimentação de todos os dias; nanja o açúcar, o pão de trigo e o chá; esses tinham como substitutos que se criava e produziam na sua terra, o mel dourado das suas abelhas, a broa deliciosa dos seus milheirais e a flor saudável da carqueja da serra.

O «pantrigo» era comida de «fidalgos» que só se comprava para algum doente arribar.

Mas fosse o mal de morte e recorria-se aos socorros espirituais da igreja — o SS. Sacramento — alimento melhor que todos os alimentos da terra, remédio mais eficaz do que todos os que o barbeiro podia receitar.

Mandava-se um portador a Aldeia ao Snr. Cura e ele, fizesse bom tempo ou mau tempo, lá ia serra acima arrostando com as dificuldades do caminho.

E quantas vezes, quando os ribeiros engrossavam ele não era forçado a transpô-los às cavalitas de alguém para o não fazer descalço?!...

O acompanhamento do Senhor, desfeito ao atingir o primeiro ribeiro, só podia vir a ser reorganizado a uma centena de metros da povoação; ali era então formado de novo agora com as pessoas que vinham de Aldeia e com as que esperavam do Goulinho. E todos seguiam o Santíssimo Sacramento, cantando em coro o Bendito e louvado seja.

Ora, porque esta decência e estas honras devidas ao Sagrado Viático, não podiam manter-se desde a igreja matriz até o Goulinho e ainda porque sucedia, por vezes, terem de ficar sem ouvir missa ao domingo, os moradores daquele povoado pediram ao Visitador do Arcediado de Ceia, a que pertencia a freguesia, a erecção de uma capela na sua povoação onde pudessem celebrar-se missa ao menos nos dias em que não fosse possível transpôr os ribeiros e da qual podesse também sair a Santíssimo para os enfermos da terra.

Muitos anos passaram, porém, sem verem qualquer solução para o seu problema que, nessa data, havia já sido resolvido para os povos da Gramaça, Vale de Maceira, Chão Sobral e Avelar. Por isso, em 11 de Agosto de 1773 fazem subir à Câmara Eclesiástica da Diocese de Coimbra um requerimento cujo texto é o seguinte:

«Dizem Manuel da Fonseca, Ant.º da Silva, Ant.º Fernandes, Ant.º Lopes, M.el da S.ª, M.el Mendes e todos os mais mor.ºs do lugar do Goulinho, freg.ª de Aldeia das Dez deste Bisp.º q.º o d.º log.r de Goulinho dista da sua Ig.ª Parochial mais de meia légua com rib.ºs q.º no inverno são dificultosos de passar e os caminhos agrestes, motivo porq.º não só muitas pessoas ficão sem ouvir missa na sua Parochia e com m.ta indecência he levado o Sacro Viático aos enfermos do m.ºo lugar o q.º tudo se pode evitar fabricando-se de novo no m.ºo lugar de Goulinho, huma capella a q.º os sup.ºtes queram obrigar-se por escrip.ºta a fabricar e paramentar à sua custa a d.ª capella p.ª da m.ª se lhes administrar os sacramentos dignando-se V. M.ºe conceder-lhe licença p.ª fabricarem a d.ª capella, procedendo às delig.ºs necess.ºs — E.R.M.ºe».

O primeiro dos suplicantes, Manuel da Fonseca, era, sem dúvida, a pessoa mais categorizada da sua terra natal e de certo das de maior destaque na freguesia.

Assim vai a Nossa Assistência

Mais um ano

Mais uma casa

No dia 28 deste mês de Abril, faz 13 anos que se abriram as portas ao Patronato que se iniciou ali numa casa junto à Igreja.

Os senhores não são capazes de avaliar quantos sacrifícios quantos esforços, quantos cuidados, quantas preocupações nestes treze anos de vida.

Começou com o Patronato, depois veio o Posto Médico e depois veio a Creche e tudo está

Nascido por 1710, casou com Maria Rodrigues da qual houve quatro filhos
Bartolomeu da Fonseca,
António da Fonseca,
Paulo da Fonseca e
Maria da Fonseca.

O Bartolomeu, do seu casamento com Ana Maria Joaquina, teve cinco filhos dos quais o mais velho foi o padre Joaquim; o Antonio que casou com Teodora Mendes Pinheiro teve um filho que foi o padre Joaquim da Fonseca Pinheiro; o Paulo, abraçando a vida eclesiástica, foi cura da freguesia de Aldeia das Dez de 1779 a 1797; e a Maria foi avó do padre António da Fonseca Correia que se doutorou, com o nome de António Belarmino Correia da Fonseca, na faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, em 24 de Novembro de 1822, sendo no ano imediato nomeado lente da mesma Universidade.

Também o suplicante António Lopes era pessoa das mais gradas da terra. Natural de Sobral Magro, freguesia de Pomares, foi residir para Goulinho por ter casado com Ana Lopes, deste Lugar.

Um seu filho, também de nome António Lopes, ligou-se, por casamento à família do Manuel da Fonseca, e um seu neto foi o padre António Lopes.

Atenta a qualidade de alguns dos suplicantes havia fundada esperança de que a petição fosse imediatamente deferida e no inverno seguinte, talvez o povo do Goulinho tivesse o seu problema resolvido. Mas as coisas não se processaram com a brevidade que todos desejavam e viram com desgosto passar todo o verão e uma boa parte do Outono sem que o assunto tivesse cabal solução.

Não antecipemos, porém, a descrição e retomemos os nossos velhos manuscritos.

DIAMANTINO AMARAL
coronel

(continua)

a funcionar bem, graças ao Padroeiro que é o Coração de Jesus, e aos auxílios do Estado e dos nossos amigos e generosos benfeitores.

O segredo do êxito é a grande confiança no Coração de Jesus e o grande desejo de ser útil aos que precisam, especialmente aos pobres e às criancinhas.

É por isso que, apesar de se levantarem grandes dificuldades de vez em quando, o barco vai singrando sempre. De vagar sim, mas sempre em frente.

Tem havido louvores e elogios; tem havido críticas e censuras. Nem os louvores nos envaidecem, nem as críticas e censuras nos desanimam. Trabalhamos à luz do sol; o Centro de Assistência está em plena luz. Há quem feche os olhos para não ver, mas a culpa não é nossa; é dos olhos deles. O sol continua a dar luz.

Nestes treze anos de vida, já se fez muito bem aos pobres e às criancinhas e porque temos a certeza de que a Obra é precisa (porque há-de haver sempre pobres e crianças), continuaremos a trabalhar para dar saúde e alegria às crianças da nossa freguesia.

A todos os amigos e benfeitores que nos têm ajudado, enviamos os nossos agradecimentos.

Assine a «Voz do Santuário»

RÁDIOS E TELEVISÕES

Consertam-se em ALDEIA DAS DEZ

PROCURE

JOSÉ LOURENÇO DIAS

E SERÁ BEM SERVIDO

A Festa da Senhora das Preces

realiza-se nos dias 17 e 18 de Julho

Duas Bandas de Música, dois dias de Romaria em louvor da Virgem Maria

MARIA

o quadro mais perfeito das obras de Deus

Pelas obras do cinzel do escultor ou do pincel do pintor-aquilatamos do valor desses artistas.

Se somos atendidos em arte, ou pelo menos pertencemos ao número dos amadores, quando entramos num museu de escultura ou pintura, não podemos deixar de exclamar diante de certas obras: Que maravilha! Os autores foram, sem dúvida, verdadeiros génios!

E sabemos ou informamo-nos pelo catálogo-guia que estamos perante um quadro de Rafael, do Greco, do Sequeira, do Grão-Vasco..., ou diante duma escultura de Miguel Ângelo, do Soares dos Reis...

E a nossa admiração paira hesitante entre o génio do artista e o produto da arte.

Quando, penetrando na «Sala de Exposição da Santidade», nos detemos diante do «quadro» intitulado MARIA, vemo-nos intimamente constrangidos a exclamar: Que maravilha!

E sabemos perfeitamente que esse «quadro» só pode levar uma assinatura: — a de Deus!

* Em Maria podemos admirar o inexcédível poder artístico do Autor, pois o «quadro» é todo harmonia, beleza — perfeição.

Não há nada a mais, nem se nota a ausência de qualquer coisa

* Podemos admirar o «poder de imaginação do Artista».

Cada rasgo é de uma surpreendente originalidade. A «escola» não teve iniciadores, nem mais representantes. O «Artista» é dissidente: apartou-se de quaisquer cânones conhecidos até então. Não teve — nem podia ter! — continuadores.

Também sabemos que «a capacidade criadora» do Autor não ficou esgotada nesta obra. Se dentro da linha da perfeição, Maria não é mais perfeita, não o podemos atribuir ao divino Artista nem à «obra de arte» mas à qualidade do material empregado, que, apesar de ser o melhor no género, não podia receber outra forma mais perfeita sem ultrapassar os limites da sua condição de criatura.

Mas examinemos mais detidamente o «quadro» numa vista de conjunto. Estamos perante a expressão máxima da perfeição humana — Se MARIA É A MÃE DE CRISTO-DEUS!!! Mãe de Deus!

Se outras perfeições não tivesse, bastaria esta luz intensí-

sima projectada sobre todo o quadro para concluirmos: Maravilhoso! Inexcédível! Enche todas as medidas! Satisfaz todos os críticos!

PORMENORES DO «QUADRO»

Abeiremo-nos agora. Vamos examinar alguns pormenores.

Quando Maria foi visitar a sua parente Isabel e lhe ouviu, cheia de admiração, aquelas palavras: «*Bendita és tu entre as mulheres*»..., tirou do cofre da Sua alma este hino:

«*Enaltece a minha alma ao Senhor,*

porque fez em Maravilhas o Omnipotente»

(S. Lucas, 1, 46)

Que maravilhas eram essas? Maria guarda-as no fundo do coração, mas nós adivinhamo-las, sabemos-las:

— A maior maravilha: a presença de Cristo no Seu seio virginal. Ela fora a escolhida por Deus para trazer a Salvação à humanidade. Ela era a Mulher seleccionada entre milhões para dar ao mundo escravizado o Libertador, o Salvador, o Redentor.

* Outro pormenor — outra maravilha

Ela era imaculada desde a Sua concepção. Na Sua humildade, talvez nem se desse conta da diferença que existia entre Ela e as pessoas com quem lidava.

N'Ela não havia a menor sombra de pecado — Era tudo luz, luz a jorros sobre a Sua alma. Graça em catadupas, presença intensíssima de Deus em todos os Seus pensamentos, palavras e obras.

Esta graça ou luz expressava-se em pormenores de inexplícável beleza:

— *Caridade para com o próximo*, um de cujos traços é a passagem do Evangelho a que nos referimos há pouco: a visita à Sua parente Isabel.

— *Humildade*, com os magníficos «apontamentos», descritos por S. Lucas, da Anunciação: «*Eis a serva do Senhor...*» e da Purificação...

— *Observância da lei* (civil e religiosa), com algumas «pinçeladas» suficientemente expressivas.

* O recenseamento ordenado pelo imperador de Roma e a Sua ida a Belém.

* A Purificação e Apresentação de Jesus no Templo.

A Obra de Assistência de ALDEIA DAS DEZ

precisa do vosso auxílio

Nunca será demais, tudo o que fizermos pela vida e felicidade das crianças da nossa freguesia.

A nossa maior alegria, é dar alegria aos outros. Experimente e verá.

Anedota

ENTRE DOIDOS:

Um deles erguendo ao alto a mão fechada perguntou a um colega:

Adivinhe lá o que tenho nesta mão?

— É um elefante, disse o colega.

Ah!... assim não vale, porque você viu!

Lela e assinie a «Voz do Santuário»

* A ida a Jerusalém, ao Templo, verificando-se numa dessas viagens a perda de Jesus.

Ainda outros pormenores de muita importância para nós, que seriam depois acrescentados ao «quadro»:

* Primeiros contactos com os Apóstolos.

* Apoio moral às campanhas apostólicas de Jesus.

* Participação na Paixão do Filho: «*Estava junto à Cruz de Jesus Sua Mãe...*» em que nos foi dada por Mãe: «*Senhora, eis aí o teu filho*».

* A Sua mão de Mãe nos primeiros passos da Igreja, recebendo com os Apóstolos o Espírito Santo.

* Mãe da Igreja através de todos os tempos.

* Mãe da Unidade, pormenor de altíssimo valor, sobretudo nos nossos dias, apontado recentemente por Paulo VI.

Ao acabar o tempo desta nossa visita rápida ao «quadro mais perfeito da Exposição da Santidade humana», impõe-se-nos uma palavra de louvor ao Artista e à Obra:

* A Um, pela Sua realmenté inexcédível e maravilhosa «arte»;

* A Outra, pela perfeição recebida da mão do Artista, sem qualquer resistência, antes com a maior colaboração.

Mas não podemos afastar-nos da «Exposição». Vamos buscar «pinçéis», «tintas», «paleta», a melhor «tela» da nossa vida e sentemo-nos diante do quadro.

Como discípulos pacientes, vamos procurando tirar com todo o esmero na nossa tela a cópia mais perfeita possível do Quadro.

Jaime Sameiro

Jesus Cristo Ressuscitado

(Continuado da página 1)

Pai lhe dera no céu e na terra; ali, em virtude desse poder, Ele dar-lhes-ia o mandato de ir por todo o mundo a fazer discípulos. Eu, tu, ele, os outros, todos somos o resultado da actuação desse mandato. Todos somos discípulos dum ressuscitado! Valerá a pena teimar em viver brincando com a morte que Ele veio vencer?

*

Cristo ressuscitou para não voltar a morrer. Na sua ressurreição se baseia a nossa fé. Quantos mortos cruzam a cada momento os caminhos da vida... Quantos mortos, talvez, na minha comunidade.. na tua... na dele, na minha família... na tua... na dele, na minha fábrica... na tua, na do outro! Vamos! A aventura do Mestre terminou... É tempo de começar a nossa aventura que homens que acreditem em Cristo! Em Cristo que morreu e ressuscitou por amor!

*

Pus-me um dia a pensar que era um baptizado. Mas baptizado, em quem? em Cristo ressuscitado. Quer dizer que o baptismo é uma ressurreição. E se ressuscitei, quer dizer que morri. Morri para aquilo que era. Era meu e renasci para ser de Cristo. Não me pertence... Não há possibilidade de fugir à obrigação de servir-me da vida que Deus me dá para fazer viver Cristo em mim e nos outros... E há tantos outros...» que estão ainda à minha espera.

*

Olho em redor e sinto de todas as partes me bate no rosto um vento forte feito de calma e serenidade. É a calma dos atletas que, depois das horas ansiosas da luta, saboreiam a satisfação interior da vitória. É a serenidade dos lutadores que se julgam fora de perigo. É a calma e a serenidade das almas em posse duma certeza que não engana e gera a alegria.

*

Olho no horizonte e adivinho novas lutas possíveis ou até prováveis. As horas sombrias, afinal, fazem parte da minha vida. Era preciso que Cristo sofresse... para depois entrar na sua glória. Que admira que o cristão se veja a braços com a noite criada pela incompreensão, pela má vontade, pela malícia, ou até pela própria ignorância. Não aceitar esta possibilidade é pretender suprir algo de necessário.

*

Se Cristo ressuscitou, e depois me apareceu a dizer-me que era Ele a minha paz, tudo correrá bem, mesmo quando aparentemente tudo correr mal. A agonia de Cristo no Calvário durou três horas; a glória que se seguiu ao domingo de Páscoa, não terá jamais fim. Há momentos em que não acredito neste facto, e então não consigo acertar com o caminho que faz da derrota o átrio da vitória. Mesmo quando a derrota parece ser definitiva.

*

Cristo ressuscitado não só depois de ter morrido mas até depois de estar sepultado havia três dias. Foi para me dizer que, mesmo no caso de ter caído ao mais fundo do abismo, é sempre possível erguer-me de novo, porque ao poder de Deus nada é impossível e ao amor de Deus nada é indiferente. O que importa é fazer desta certeza o ponto de partida para um entusiasmo sempre maior.

*

Sou um peregrino de Emaús, onde me espera o Senhor para se revelar na fracção do pão. Sinto os pés doridos de tanto caminhar. Vou ruminando os fracassos da minha vida, procurando justificá-los com a recordação dos fracassos alheios. É tão fácil desculpar-me com as quedas dos outros! E quantas vezes são os outros, que eu julgava fracassados que me vem dizer, como Cristo naquela tarde, que quase sempre a dor é feita para acender dentro de nós uma luz mais pura e uma certeza mais forte.

A Estação dos Correios de Aldeia das Dez

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

Aldeia não pode ser recebido e tudo isto a bem da Nação e em prejuízo de uma grande freguesia.

Apesar do ofício ser bem expressivo e não deixar dúvidas, custa-nos a acreditar que a Administração Geral dos C.T.T. atire o assunto para o cesto dos papeis inúteis.

É tão grande a obra de ressurgimento, e de tantos melhoramentos que a Administração Geral dos C.T.T. tem feito em benefício das populações rurais, que nos custa a acreditar que consinta que Aldeia das Dez continue numa situação tão desprestigiante para os C.T.T. e tão prejudicial aos interesses da população e ao progresso da freguesia.